

DAS CORRENTES FILOSÓFICAS: CONTRIBUIÇÕES DE BOGDAN SUCHODOLSKI*

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2002.

Felipe Trindade Santos**

Bogdan Suchodolski é um autor polaco do século XX. Realizou seus estudos em cidades como Berlim, Cracóvia, Varsóvia e Paris. Foi professor na Polônia durante os inclementes tempos da Segunda Guerra, sendo um dos incentivadores dos estudos clandestinos nesse período. Foi diretor do Instituto de Ciências pedagógicas e professor de Pedagogia Geral na Universidade de Varsóvia (Mafra, 2010). Escreveu algumas obras que lhe renderam o conhecimento no mundo acadêmico: *Educação para o futuro* (1947) e *Teoria marxista da educação* (1957).

Sua obra gira em torno da tese do desenvolvimento de duas tendências filosófico-pedagógicas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. A pedagogia da essência caracteriza-se por um projeto universal de formação humana, pré-concebido, adaptável a qualquer circunstância. Demonstra, portanto, que o ideal é o caráter definidor da realidade. Trata-se da constituição do dualismo no qual a verdadeira realidade está no mundo das ideias, perfeito, enquanto a realidade da vida humana é difusa, imperfeita (Suchodolski, 2002). Essa concepção está presente na filosofia de Platão (427-347 a.C.), do Cristianismo e do Renascimento.

A pedagogia da existência, ao contrário, parte dos indivíduos concretos. É um trabalho organizado por pensadores como Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827) e Froebel (1782-1852) com início a partir do século XVII. Uma educação voltada para a própria vida da criança, seus dons e possibilidades, sua experiência no mundo e na sociedade. Não se trata, portanto, de um ensino universal, mas particular, porque se volta para as individualidades, para a valorização da experiência, das potencialidades do mundo e não de sua negação.

O autor não situa sua obra numa análise de um passado distante, pois busca demonstrar como existência e essência vão sendo reorganizadas e readaptadas ao longo da história. Por isso, continua sua reflexão apresentando como o idealismo alemão de Kant

* Resenha recebida em 12/09/2024 e aprovada para publicação em 20/11/2024.

** Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción. Mestre em Educação pela UFSJ. Graduado em Filosofia pela UFJS, em Teologia pelo ISTA, em Letras pela Facvest de Santa Catarina, em História pela Universidade Cruzeiro do Sul e em Pedagogia pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais. E-mail: philipus2010@yahoo.com.br.

(1724-1824), Stirner (1806-1856) e Nietzsche (1844-1900) são modernos defensores da pedagogia da existência.

Além de atacar a Igreja e o Estado pelas suas pretensões em educarem os homens, condena também todas as formas de autoridade, todos os ideais, particularmente os ideais morais que dirigem o íntimo dos homens [...] ataca deste modo a pedagogia da essência; procura mostrar que o erro desta consiste não só em impor aos indivíduos um ideal ultrapassado que lhes é estranho, uma religião ao serviço da sociedade e do Estado, como também de modo geral em tentar impor um ideal de vida que devia brotar do próprio indivíduo (Suchodolski, 2002, p. 41).

O Humanismo Racionalista de Voltaire (1694-1778), Helvetius (1715-1771) e Condorcet (1743-1794) continuam a tradição essencial ao “definir os caracteres universais e permanentes do ser humano, com o fim de estabelecer os fundamentos da luta em defesa da igualdade de direitos para todos” (Suchodolski, 2002, p. 46).

Teóricos herdeiros da Teoria da Evolução de Darwin (1809-1882) propiciam o desdobramento de diferentes tradições da pedagogia da existência em Spencer (1820-1903), Dewey (1859-1952), Bergson (1859-1941) e Claparède (1873-1940). Nestes pensadores há um impulso para os problemas da realidade e para a conexão com o mundo e suas possibilidades. Caracteres de conhecimento e transformação do mundo, de desenvolvimento psicológico, de relação com a cultura, mas de libertação do indivíduo. Spencer (1820-1903) resume tal proposta educativa ao apresentar cinco critérios para a escolha do conteúdo de ensino: manutenção da vida, utilidade para a educação das crianças, o que mantém os vínculos sociais, o que proporciona descanso e o que causa contentamento (Suchodolski, 2002).

A obra descreve ainda teorias que se revelam como tentativas de existencialização da pedagogia da essência. São elas as pedagogias da natureza humana, a pedagogia social de Durkheim (1858-1917) e a neotomista de Mounier (1905-1950) e Maritain (1882-1973).

Todas as tentativas de aproximação da criança podem ser consideradas em parte como concessões feitas à vida pela pedagogia da essência clássica. Todavia tais concessões tinham pequena importância, pois só diziam respeito a modificações insignificantes da técnica da ação educativa sem alterar as concepções do próprio processo da educação (Suchodolski, 2002, p. 59).

As tentativas da educação nova para resolver os impasses mostraram-se ineficazes. Ora por trair a liberdade do indivíduo, valorizando o grupo ou a cultura social, ora por trair a conexão com a realidade. No capítulo final o autor delineia as linhas que poderiam direcionar a resolução desse dilema (existência versus essência): uma educação para o futuro. Essa

educação representa uma crítica a toda tentativa de subjugar o presente, a realidade, pois se baseia nesse dado fundamental, com o propósito de transformação dessa realidade, ou seja, um conhecimento que produza movimento. Ao mesmo tempo não se conforma com o presente, pois vislumbra a constante possibilidade de edificação com vistas a um futuro melhor. “Se queremos educar os jovens de modo a tornarem-se verdadeiros e autênticos artífices de um mundo melhor é necessário [...] compreender que o futuro é condicionado pelo esforço do nosso trabalho presente, pela observação lúcida dos erros e lacunas do presente” (Suchodolski, 2002, p. 103).

Esse olhar para o futuro propõe-se a resolver dois problemas: a instrução e a educação. No domínio do que compreende por instrução, o autor recomenda o abandono de princípios tradicionais, a introdução de inovações, o ensino politécnico e concepções modernas de filosofia e lógica, com o objetivo de “ir do conhecimento dos grandes processos sociais do mundo moderno à capacidade de compreender o meio concreto em que se age e se vive” (Suchodolski, 2002, p. 105). Posto isto, a educação deve consistir em “transportar os grandes ideais universais e sociais para a vida quotidiana e concreta do homem” (Suchodolski, 2002, p. 106). Uma educação moral voltada para situações concretas, cultivando sentimentos que permitam ao ser humano “compreender o próximo e ensinar-lhe a prestar atenção a este para o ajudar a organizar a sua própria vida interior” (Suchodolski, 2002, p. 106).

Uma análise geral da obra permite perceber o modo como o autor conseguiu articular sua tese ao redor das concepções que ele considera essenciais ou existenciais, traçando um panorama crítico dessas interpretações ao longo do desenvolvimento da história humana. Contudo, reserva apenas um de seus capítulos para anunciar o que seria a saída para os dilemas postos por esses paradigmas. Uma compreensão bem articulada dessa hipótese do autor pode ser mais bem explicitada pela teoria da “Curvatura da Vara” de Saviani (2018), ao elucidar como as pedagogias necessariamente não se excluem mutuamente.

REFERÊNCIAS

MAFRA, J. F (org.). **Bogdan Suchodolski**. Recife: Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

SUCHODOLSKI, B. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2002.